

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO/CAC



RENATA SILVESTRE DE SANTANA

**PAISAGEM SONORA E IDENTIDADE: uma abordagem criativa mediada por  
tecnologias digitais**

Recife

2023

RENATA SILVESTRE DE SANTANA

**PAISAGEM SONORA E IDENTIDADE: uma abordagem criativa mediada por  
tecnologias digitais**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Música pela Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de graduação em Licenciatura em Música.

Orientador: Dr. Leandro Pereira de Souza

Recife  
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Santana, Renata Silvestre de .

Paisagem sonora e identidade: uma abordagem criativa mediada por  
tecnologias digitais / Renata Silvestre de Santana. - Recife, 2023.  
38 p.

Orientador(a): Leandro Pereira de Souza  
(Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e  
Comunicação, , 2023.

1. educação musical. 2. paisagem sonora. 3. identidade. 4. ferramentas  
tecnologia. 5. comunicação. I. Souza, Leandro Pereira de. (Orientação). II. Título.

780 CDD (22.ed.)

RENATA SILVESTRE DE SANTANA

**PAISAGEM SONORA E IDENTIDADE: uma abordagem criativa mediada por  
tecnologias digitais**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de Música, da  
Universidade Federal de Pernambuco, como  
requisito parcial à obtenção do Título de  
Licenciatura em Música.

Aprovada em: 04/10/2023.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profº. Dr. Leandro Pereira de Souza (Orientador)

Universidade Federal de Pernambuco

---

Profº. Dr. Sergio Ricardo de Godoy Lima (Examinador Interno)

Universidade Federal de Pernambuco

---

Profº. Dr. Fábio Wanderley Janhan Sousa (Examinador Interno)

Universidade Federal de Pernambuco

“Você tem que agir como se fosse possível transformar radicalmente o mundo. E você tem que fazer isso o tempo todo”

Angela Davis

## **AGRADECIMENTOS**

Uma pesquisa acadêmica acontece através de um processo coletivo, que envolve a contribuição de muitas pessoas. Por isso, gostaria de agradecer a todos que fizeram parte desta construção.

Agradeço ao meu orientador, professor Dr. Leandro Pereira de Souza, por me acolher como orientanda e guiar a execução deste trabalho. Sua orientação foi fundamental para o desenvolvimento da minha pesquisa.

Agradeço também aos professores doutores Sérgio Ricardo de Godoy Lima e Fábio Wanderley Janhan Sousa, que compuseram a banca avaliadora. Sua avaliação foi valiosa para o aprimoramento do meu trabalho.

À minha família, em especial aos meus pais Maria Ilda, Robson José, meu irmão Robson Silvestre e minha tia Maria de Lourdes pelo amor, orientação e constante apoio.

Aos meus amigos, pela força, companheirismo e afeto. Em especial a Mirty Kátly pelos conselhos, paciência e amizade.

À Victor Rios, meu profundo agradecimento por estar ao meu lado e prestar apoio durante o processo de desenvolvimento. Conseguimos juntos passar pelos obstáculos e sou muito grata por tê-lo neste momento ao meu lado.

À minha ancestralidade e irmãos, por fortalecerem minha fé.

À toda comunidade que contribuiu para a realização deste trabalho.

Agradeço à Universidade Federal de Pernambuco, pelo ambiente de ensino e oportunidade de cursar esta graduação.

Aos colegas discentes, pelas trocas de ideias e acolhimentos.

A todos os professores, por todo o conhecimento passado, deixo meu carinho e admiração.

## RESUMO

Este estudo investigou a relação entre a paisagem sonora e a construção da identidade, bem como a aplicação de ferramentas tecnológicas digitais da informação e comunicação (TDICs) acessíveis para explorar essa conexão em contextos educacionais. A pesquisa foi realizada a partir de uma abordagem exploratória, com base em revisão bibliográfica, explorando como a identidade é moldada pela interação entre os indivíduos e os sons presentes em seu entorno. A exploração da identidade sonora, especialmente por meio de atividades como a criação de mapas sonoros, permite aos indivíduos uma compreensão mais profunda de como a paisagem sonora contribui para a construção de sua identidade. Essa compreensão é valiosa para a educação, particularmente em áreas periféricas, onde as experiências sonoras podem ser únicas e muitas vezes colocadas à margem, por conta do racismo e preconceitos. O estudo destaca a importância de considerar a paisagem sonora como um elemento influente na formação da identidade e sugere que abordagens pedagógicas baseadas em ferramentas tecnológicas podem ajudar a explorar e valorizar as experiências sonoras individuais e coletivas.

**Palavras chave:** Paisagem sonora; identidade; educação musical; ferramentas tecnológicas.

## **ABSTRACT**

This study investigated the relationship between the soundscape and the construction of identity and the application of accessible digital information and communication technology (ICT) tools to explore this relationship in educational contexts. The research adopted a qualitative approach, based on a literature review, and explored how identity is shaped through the interaction between individuals and the sounds present in their environment. The main findings revealed that exploring sound identity, especially through activities such as sound mapping, allows individuals to gain a deeper understanding of how the soundscape contributes to the construction of their identity. This understanding is valuable for education, especially in peripheral areas where sound experiences can be unique and often overlooked. The study highlights the importance of considering the soundscape as an influential element in identity formation and suggests that pedagogical approaches based on technological tools can help to explore and value individual and collective sound experiences.

**Keywords:** Soundscape; identity; music education; technological tools.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1. PAISAGEM SONORA</b> .....	12
1.1 História e evolução do estudo das paisagens sonoras.....	14
1.2 Elementos da paisagem sonora.....	16
1.3 A identidade e seu relacionamento com a paisagem sonora.....	18
<b>2. PAISAGEM SONORA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO MUSICAL</b> .....	23
2.1 Mapas sonoros.....	23
2.2 Tecnologia na educação musical.....	25
2.3 Proposta de atividade.....	28
2.3.1 Materiais.....	29
2.3.2 Metodologia.....	30
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	35
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	37

## INTRODUÇÃO

Na vida contemporânea, a presença sonora é frequentemente percebida como um bombardeio aos ouvidos, devido à inundação de estímulos auditivos. Caminhar em uma rua no centro de uma grande cidade significa experienciar uma diversidade de estímulos sonoros emitidos ao mesmo tempo. No entanto, o som presente no cotidiano é um elemento fundamental da paisagem que nos rodeia, pois contribui para sua construção.

Assim chegamos ao conceito de paisagem sonora, termo desenvolvido por Murray R. Schafer, que desempenha um papel significativo para a compreensão do universo sonoro. Segundo Schafer (2012), a paisagem sonora se refere ao ambiente acústico e é um elemento fundamental da nossa construção cultural, sendo mais do que apenas um conjunto de sons, mas um sistema complexo que inclui uma variedade de fontes, funções e significados que interagem entre si para criar um ambiente acústico único. Ao longo das décadas, as pesquisas sobre as paisagens sonoras avançaram de maneira notável, chegando a uma disciplina dinâmica que abrange diversas áreas de pesquisa, como a acústica e a ecologia.

Ao analisar mais detalhadamente as camadas da paisagem sonora, podemos perceber e estudar os elementos que a compõem, revelando a complexidade e a diversidade que podem ser encontradas no ambiente acústico cotidiano. Para Torres e Kozel (2010, p. 127), “a paisagem sonora é cultural, pois reflete a identidade de um lugar e de seus habitantes”. A partir desta compreensão é possível refletir sobre a relação entre a identidade e as paisagens sonoras, em como as experiências sonoras podem moldar a percepção de quem somos e de onde pertencemos.

Neste trabalho serão contextualizados os conceitos de paisagem sonora, sua relação com a identidade e abordagens na educação musical. Compreender como utilizar a paisagem sonora de maneira prática é fundamental para perceber que é possível registrá-la e explorá-la de forma a desvendar suas especificidades, seja no âmbito musical, educacional ou cultural. A compreensão dos conceitos e características dos sons se mostra essencial ao abordarmos como a partir dos mapas sonoros e da tecnologia podemos contribuir para a concepção cultural, histórica e identitária dentro da educação musical. Serão explorados como estes elementos podem ser eficazes e aplicados em diferentes contextos, refletindo a realidade de quem os vivencia.

O objetivo geral desta monografia é desenvolver uma proposta pedagógica para o ensino da paisagem sonora, utilizando Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs). A metodologia proposta visa promover a reflexão sobre a identidade através de uma atividade prática, criativa e reflexiva. Este trabalho discutirá o papel da tecnologia e da inovação na pesquisa das paisagens sonoras. As TDICs permitem a captura, análise e manipulação de sons de forma mais eficiente e precisa, o que abre novas possibilidades para o estudo desse campo.

Por fim, será descrita uma atividade prática que demonstrará como os conceitos e teorias discutidos ao longo deste trabalho podem ser aplicados durante aulas regulares de música ou em formato de oficina. Na atividade, os participantes serão convidados a registrar, analisar e manipular sons de seu ambiente cotidiano. O objetivo é que eles explorem as diferentes camadas sonoras de seu entorno e reflitam sobre como essas camadas podem ser interpretadas como expressões de identidade.

## 1. PAISAGEM SONORA

Essa imagem que se constrói a partir de sons, de elementos acústicos, adquire uma especificidade que a distingue da imagem estruturada por elementos visuais em diferentes técnicas. A "imagem sonora" surge na tela imaginativa do ouvinte como uma granulação fina, resultado de um processo perceptivo entre impressões pessoais e representações sensoriais sonoras apreendidas pela audição. (Silva, 1999, p. 78)

Durante uma discussão sobre paisagem em aulas de música para turmas de jovens e adultos, quando confrontados sobre qual o conceito, é comum ouvir os alunos responderem que a palavra está atrelada à imagem estática de um horizonte. As descrições simplistas feitas se remetem às pinturas que retratam campos floridos, praias e se relacionam às definições encontradas no dicionário que as define como uma “extensão territorial que a vista alcança” (Dicio, 2023).

Contudo, a paisagem não se limita apenas à sua geografia, ela engloba uma diversidade de elementos que fazem parte de sua composição. Segundo Torres e Kozel (2010), “Cada paisagem é produto e produtora da cultura, e é possuidora de formas, cores, cheiros, sons e movimentos que podem ser experienciados por cada pessoa que se integra a ela, ou abstraído por aquele que a lê através de relatos e/ou imagens” (Torres; Kozel, 2010, p. 124).

O conceito de paisagem é, portanto, um fenômeno dinâmico. Ele apresenta-se vivo e mutável, moldado pelas interações entre os seres humanos e o meio ambiente. Desta forma, ele transcende a linha visual e carrega histórias e experiências vividas por uma determinada comunidade através de uma narrativa multidimensional e multissensorial. Westerkamp, durante entrevista, afirma que, “quando pensamos em paisagem, pensamos em tudo, desde a sua geografia, a sua vegetação, os seus habitantes e o seu conteúdo cultural, ou seja, a interação entre os seres vivos e o ambiente específico em que vivem.” (Oliveira; Martinho, 2021, p. 244). Do mesmo modo podemos pensar um outro conceito, a paisagem sonora, “que, segundo Schafer, deve ser entendida como um lugar sonoro que nos comunica e que comunicamos internamente” (Oliveira; Martinho, 2021, p. 244). Nesse contexto, introduzimos o conceito de paisagem sonora, “*soundscape*”, um neologismo que, conforme definido por Murray Schafer<sup>1</sup> em seu livro “*A Afinação do Mundo: uma*

---

<sup>1</sup> Murray Schafer. “compositor e autor canadense conhecido [...] por seu livro *O ouvido pensante* (Editora Unesp, 1991). De 1970 a 1975, foi professor de Estudos da Comunicação na Universidade

*exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora*” se refere a “qualquer porção do ambiente sonoro [...] O termo pode referir-se a ambientes reais ou construções abstratas, como composições musicais e montagens de fitas, em particular quando consideradas como um ambiente” (Schafer, 2012, p. 366).

Essa concepção de paisagem sonora não se limita ao espaço físico, como uma rua movimentada ou uma praia tranquila, mas também se estende a espaços fictícios, como os criados em produções audiovisuais através de sintetizadores para produzir um ambiente futurista em filmes. Deste modo, “o termo abre espaço para possibilidades de criação de paisagens sonoras através de arranjos sonoros, técnicas de edição e gravação de áudio” (Machado; Pédico; Souza, 2020, p. 310). No entanto, mesmo em ambientes fictícios, a paisagem sonora pode ser uma parte essencial da experiência cotidiana, como quando o som da TV se torna parte do ambiente doméstico. Ainda para Schafer (2012), a paisagem sonora cruza os limites da música e do estudo acústico, ela abrange qualquer campo relacionado ao som, sendo encontrada em diversos ambientes do cotidiano. Segundo Schafer (2012, p. 23):

Podemos referir-nos a uma composição musical, a um programa de rádio ou mesmo a um ambiente acústico como paisagens sonoras. Podemos isolar um ambiente acústico como um campo de estudo, do mesmo modo que podemos estudar as características de uma determinada paisagem.

Diante disso, destaca-se que a paisagem sonora é participante de qualquer ambiente que possa hospedá-la. Seja ele um campo aberto ou a sala de estar, ambos possuem paisagens sonoras distintas, moldadas pelos sons cotidianos que o preenchem. Essa singularidade sonora nos permite compreender a essência de um lugar. Por exemplo, é possível perceber as diferenças sonoras entre uma área rural e uma área urbana ou entre duas áreas rurais de localidades distintas, bem como bairros diferentes de uma mesma cidade, apenas pelos hábitos sonoros que permeiam cada região.

Isolar um ambiente acústico e estudá-lo é reconhecer que o som desempenha um papel na compreensão do mundo. Assim como podemos estudar

---

Simon Fraser na Colúmbia Britânica, onde idealizou muitos dos experimentos e projetos de pesquisa cujos resultados são apresentados neste livro. (Schafer, 2012)

as características de uma paisagem natural, como sua topografia e ecossistema, também é possível investigar as características de um ambiente acústico, como os sons presentes, sua intensidade, frequência e interação com ambiente físico e cultural.

Destrinchar e compreender o conceito de paisagem sonora, permite que o indivíduo adquira a consciência de que o ambiente que o cerca está atrelado a sua identidade pessoal e cultural. Os sons e composições que o circundam diariamente influenciam a sua história pessoal e cultural.

### **1.1 História e evolução do estudo das paisagens sonoras**

O estudo sobre paisagem sonora surgiu com o projeto *World Soundscape Project* (WSP), que foi iniciado entre o final da década de 1960 e início da década de 1970 como grupo de pesquisa por Murray Schafer na *Simon Fraser University*, localizada no Canadá como um viés de pesquisa, conscientização e educação. Ele “derivou em estudos em várias partes do mundo, reunindo pesquisadores e compositores, com o objetivo de compreender os efeitos do ambiente acústico nas respostas físicas e comportamentais dos seres vivos que nele habitam” (Machado; Pédico; Souza, 2020, p. 310). O projeto teve origem na inquietação de Schafer sobre os crescentes impactos da poluição sonora, como forma de alertar sobre como isso afetava o ambiente.

No contexto contemporâneo, a presença sonora age como um bombardeio aos ouvidos devido a inundação de estímulos auditivos. Sons de veículos, megafones, construções, dentre outros ruídos fazem parte do ambiente sonoro, principalmente ao tratar das grandes cidades. Torres (2010), argumenta que os eventos que aconteceram na história da humanidade foram fatores que influenciaram alterações tanto na vida como no espaço, e afirma que, “o homem move-se no ritmo do meio, do espaço onde vive. As grandes navegações do século XVI, a revolução industrial, o surgimento da energia elétrica, e a revolução tecno-científica, são eventos que marcaram a história determinando novos ritmos de vida às populações” (Torres, 2010, p. 126). Deste modo, a história humana é moldada por mudanças no espaço e no ambiente, que por sua vez afetam o modo de vida e organização social.

Para Schafer (2012, p. 107), “A Revolução Industrial introduziu uma multidão de novos sons, como consequências drásticas para muitos dos sons naturais e humanos”, posteriormente, “a Revolução Elétrica acrescentou novos efeitos próprios e introduziu recursos para acondicionar sons e transmiti-los esquizofrenicamente através do tempo e do espaço para viverem existências amplificadas ou multiplicadas”. Ou seja, as revoluções contribuíram com a transformação ocorrida nas formas de ouvir o mundo ao redor e também de como criar, registrar e compartilhar os sons, afetando a experiência sonora humana.

Schafer buscava alertar sobre os efeitos da poluição sonora, mas sua abordagem saudosista e negativa em torno da paisagem imbuída no frenesi de ruídos, despertou críticas por parte de outros pesquisadores. Segundo Machado, Pédico e Souza (2020) os questionamentos acerca da perspectiva de Schafer demonstraram “a potencialidade do conceito de paisagem sonora como termo de partida para discussões significativas acerca das relações entre som e espaço/ambiente”, como por exemplo as relações culturais e simbólicas dos sons e desse modo as relações de identidade e pertencimento de espaços e territórios sonoros.

Santos (2013) expressa que as mudanças no ambiente sonoro e surgimento de tecnologias surtiram frutos para o campo sonoro, revolucionando a forma de se relacionar e apreciar o som, bem como para a indústria fonográfica. Por exemplo, “pode-se afirmar que uma das maiores contribuições da tecnologia eletroacústica se refere, sem dúvida, às mudanças provocadas entre o ouvinte e o som frente às novas possibilidades de gravação e reprodução dadas pelos novos meios tecnológicos.” (Santos, 2013, p. 43).

Logo, para além dos aspectos alarmantes que estimularam a criação do WSP, o projeto se expandiu para o desenvolvimento de um novo olhar dos pesquisadores e também compositores para o ambiente sonoro, seus componentes e potencialidades. “Tal movimento desenvolveu estudos em várias partes do mundo, e, ainda hoje, reúne pesquisadores e compositores em torno do *World Forum for Acoustic Ecology*, abrindo os horizontes musicais para o que tem sido chamado de ‘ecologia acústica’ (Santos, 2013, p. 38).

Dessa forma, passou a ser cultivada uma sensibilidade em relação a uma escuta mais consciente nos ambientes, na qual se consideram não apenas os sons

em si, mas também os elementos que os compõem e a maneira como são interpretados de acordo com o estilo de vida de cada comunidade.

## 1.2 Elementos da paisagem sonora

Bem como a paisagem vai além do aspecto visual, o ambiente sonoro transpassa o simples conjunto de sons emitidos em um ambiente. Cada som presente, desde o cortar do vento ao motor de um caminhão, do ruído mais alto ao silêncio, desempenha um papel específico na composição do espaço acústico<sup>2</sup> e apresenta elementos que dentro de suas funções oportunizam a compreensão e análise das paisagens.

A paisagem sonora é composta por características que são estruturadas durante a percepção auditiva e que apresenta sua construção e concepção através de um conjunto de camadas dos aspectos sonoros do ambiente. Pela perspectiva de Schafer (2012), são propostos três aspectos que fundamentam a paisagem do ambiente acústico: sons fundamentais, sinais fundamentais e marcas sonoras, ou marcos sonoros. Para entender com uma maior precisão é preciso destrinchar um pouco cada um desses aspectos.

- 1) “Os sons fundamentais na paisagem sonora são os sons criados por sua geografia e clima: água, vento, planícies, pássaros, insetos e animais. Muitos desses sons podem encerrar um significado arquetípico, isto é, podem ter se imprimido profundamente nas pessoas que os ouvem que a vida sem eles seria sentida como um claro empobrecimento” (Schafer 2012, p. 26). Sendo assim, os sons fundamentais não são apenas ruídos aleatórios, mas elementos sonoros que fazem parte da identidade tanto do espaço como dos indivíduos existentes nele, enriquecendo a paisagem sonora com profundos significados culturais. Eles contribuem para a compreensão e apreciação de um determinado ambiente, sendo esses, sons intrínsecos daquele local.
- 2) “Os sinais são sons destacados, ouvidos conscientemente” (Schafer, 2012, p. 26). A ideia fundamental por trás desse conceito é de que os

---

<sup>2</sup> *espaço acústico*: refere-se a extensão audível alcançada pelo som em determinada área (Schafer, 2012, p. )

sinais têm a capacidade de chamar a atenção das pessoas e direcionar sua consciência para eventos ou elementos específicos na paisagem sonora. Essa percepção consciente dos sinais pode desempenhar um papel importante na forma como as pessoas interagem com o ambiente sonoro ao seu redor e como interpretam as informações acústicas presentes neste ambiente.

- 3) Por último temos o marco sonoro, que “deriva de marco e se refere a um som da comunidade que seja único ou que possua determinadas qualidades que o tornem especialmente significativo ou notado pelo povo daquele lugar” (Schafer 2012, p. 27). Eles são como pontos de referência auditivos que ajudam as pessoas a reconhecerem e se relacionarem com seu ambiente sonoro de maneira única e específica, mostrando a construção, até mesmo histórica, dos sons do ambiente. A estrutura sonora de um lugar remete a onde ele veio e o que se agregou ao longo do tempo para que chegasse naquela composição. Pode ser qualquer som distintivo, como o chamado de um pássaro raro, o som de uma cachoeira em uma floresta, ou até mesmo o barulho de um sino de igreja em uma pequena vila. O que torna esses sons notáveis é sua singularidade ou a maneira como se destacam na paisagem sonora, criando uma conexão entre as pessoas e o ambiente sonoro de sua comunidade.

Machado, Pédico e Souza (2020) fazem referência a esses conceitos de forma mais sucinta, sendo:

Sons fundamentais são aqueles ouvidos permanentemente ou em constância suficiente para formar o fundo no qual outros sons são ouvidos. Os sinais sonoros são quaisquer sons nos quais a atenção é voltada, nas paisagens sonoras estão em contraste com os sons fundamentais. E, por fim, os marcos sonoros são aqueles sons únicos, ou que possuem qualidades, às vezes simbólicas e/ou metafóricas, que os tornam especialmente notados e identificados com o ambiente. (Machado, Pédico e Souza, 2020, p. 310)

Essas definições são relevantes para compreender e estruturar as dimensões presentes em uma observação mais minuciosa da paisagem sonora e para analisar o espaço sonoro através de suas camadas.

### **1.3 A identidade e seu relacionamento com a paisagem sonora**

Assim como o espaço, o ser humano está em constante processo de transformação. Pensar que a vida segue de forma fluida estimula reflexões de que a mudança faz parte da essência do estar vivo. Assim como ao final do dia o ambiente não será o mesmo de quando raiou o sol, a vida também está sujeita a mudanças contínuas. Essas mudanças não se limitam ao ambiente físico, mas se estendem também à construção da identidade.

Logo, o que ou quem somos não é fruto de um plano estático definido no nascimento até o fim da vida, mas das mutações advindas das nossas experiências. Essas mutações, segundo o sociólogo Dubar (2005), não ocorrem de uma vez no ato do nascimento, mas são um processo constante que se desenrola ao longo do tempo. Essa afirmação enfatiza a dinâmica natural da construção e reconstrução da identidade, mostrando que esta não é uma entidade estática herdada, mas sim um processo contínuo de desenvolvimento.

Dubar (2005, p. 3) ainda destaca que “o indivíduo nunca a constrói sozinho: ela depende tanto dos juízos dos outros quanto de suas próprias orientações e autodefinições”. Aqui ele torna evidente que a identidade não se molda apenas pelas autopercepções, mas também recebe influência dos julgamentos e impressões daqueles que o rodeiam. Isso mostra a interferência das interações sociais na formação da identidade e como este é um processo interativo que ocorre em constante diálogo com o ambiente social.

Além disso, para Dubar (2005, p. 3), “a identidade é um produto de sucessivas socializações”. Assim, ele destaca que ela é moldada, não sendo algo fixo ou estável, mas construída ao longo da vida, através das interações sociais. As experiências, mitos e percepções sociais contribuem para a compreensão do ser e para a construção da identidade, que é um processo dinâmico.

As primeiras socializações ocorrem na infância, na família e na escola. Nessas fases, a criança aprende sobre os valores, as normas e os papéis sociais de sua cultura. Ao longo da vida, a identidade continua a ser construída, através das interações com diferentes grupos sociais. Na escola, no trabalho, no lazer e na comunidade, a pessoa aprende novos papéis e valores, e sua identidade vai se

modificando. Assim, a identidade é atua como um processo dinâmico e complexo, que é influenciado por uma variedade de fatores.

Sousa (2008) argumenta que na perspectiva das ciências sociais as discussões acerca da identidade estão divididas entre: psicodinâmica e a sociológica.

- 1) "A identidade psicodinâmica é composta pelo cerne do indivíduo e de sua cultura" (Sousa, 2008, p. 124). Ela se concentra nos aspectos psicológicos e internos que influenciam a identidade de um indivíduo, considera fatores como a personalidade, as experiências de vida, os traumas, a história pessoal e as motivações individuais. A ideia é de que a identidade é moldada principalmente por fatores internos e psicológicos, e a cultura e a sociedade têm um papel secundário nesse processo.
- 2) "Já a identidade sociológica é construída pelas pessoas a partir da cultura em que vivem" (Sousa, 2008, p. 125). Esta perspectiva sugere que a forma como uma pessoa se percebe e se identifica é profundamente moldada pelas interações e experiências dentro de sua cultura e sociedade. Elementos como a família, a educação, a religião, normas culturais e valores compartilhados desempenham papéis significativos na formação dessa identidade, influenciando sua visão de mundo, papéis sociais e interações interpessoais. Em resumo, a identidade sociológica reflete como uma pessoa se enxerga em relação aos outros membros de sua sociedade e como ela se insere nas complexas dinâmicas culturais e sociais de seu ambiente.

Logo, "a identidade é uma construção de caráter contrastante ou de oposição com uma forte ação individual ou grupal, implicando, assim, a afirmação do nós diante dos outros" (Sousa, 2008, p. 125). O pensamento a coloca como uma interseção complexa entre o indivíduo e o coletivo, no qual o mesmo é interferido pelos atores externos que também são afetados no processo individual do ser, como em uma valsa ambos dançam interligados.

Essa troca aponta a identidade como um agente modificado e modificador, em um processo que está ligado a diversos fenômenos que participam da sua

consolidação e desconstrução. Ela está atrelada à música ouvida, às instituições frequentadas, grupos sociais participantes ou ao local em que se vive e vai além de uma construção cultural participante do fenômeno geográfico.

A identidade é territorial e significa, além de pertencimento a um certo lugar, o resultado do processo de territorialização, com elementos de continuidade e estabilidade, unidade e diferencialidade. O território é produto e condição social, influenciando na constituição de identidade local em virtude de ações coletivas; tem um conteúdo dinâmico e ativo, com componentes objetivos e subjetivos, nos níveis local e extralocal (Sousa apud. SAQUET, 2007, p 152)

A identidade flui entre lugar e indivíduo e não se liga apenas a ideia de pertencimento, ela se dá também pelo processo contínuo de territorialização e territorialidade. O território não age como um fundo passivo, mas também como influenciador na forma de perceber e se relacionar. Ao pensar em território e identidade local, ela se forma através da ação da comunidade existente, das tradições e interesses em comum, que vem como um dos fatores internos, e dos afetos que a circundam.

O próprio território e as características culturais de um local, geram sons e tornam aquele ambiente detentor de suas próprias particularidades, que vão agregar e influenciar o ser humano na construção de sua identidade. “Os sons da paisagem são culturais, pois refletem a identidade do lugar e de seus habitantes” (Torres, 2018, p. 147). Torres (2008) também afirma que a identidade é única e que suas características podem mudar de conceito a depender da localização geográfica e costumes locais. Ele exemplifica utilizando os sons do trânsito que agem como códigos sociais, por exemplo, a buzina em um local pode soar agressivo e em outros possui um sentido diferente de comunicação.

Outros sons que estão em constante renovação e que participam das singularidades locais, são as vozes e diálogos, ligados à linguagem, que constroem uma comunicação e pontes de informações contribuintes para a personificação da identidade cultural de determinada região. De acordo com Torres (2008), “a comunicação estabelecida pela fala encontra na paisagem os primeiros elementos para a construção da linguagem, que implica em conteúdo e expressão”. Um exemplo seria um diálogo simples que ocorre no dia a dia. Essa simples interação social mescla as informações dos indivíduos e através dela são passados seus

conhecimentos, costumes, sotaques e particularidades, que juntas formam uma gama de informações sonoras que além de enriquecer um ao outro durante aquele momento, perpetua na sonoridade do local, tornando aquele momento uma das peças que compõem a paisagem sonora.

Na convivência entre os seres humanos e o meio ambiente, os diferentes sons podem ser considerados como meios de comunicação entre si e com seu território. Essa capacidade comunicativa, que se desenvolve em diferentes locais e de diferentes formas, resulta das diversas paisagens acústicas e da necessidade de transmitir informações entre os indivíduos à medida que a percepção auditiva se aprimora e a compreensão de como as ferramentas sonoras no ambiente podem evocar sensações e oferecer novos modos de intermediar as relações humanas se expande.

Logo podemos pensar na forma mais comum de trazer interação de maneira controlada e humana através dos sons, e essa interação chamamos de música. "Do mesmo modo que a fala, a música integra à paisagem, e, enquanto expressão artística, também compõe o universo simbólico de um povo" (Torres, 2018, p. 148).

Em entrevista a Oliveira e Martinho (2021), Westerkamp afirma que o estudo da paisagem sonora não é restrito ao tratamento apenas dos sons de um ambiente. Para ela, "estamos a falar também, e mais importante, sobre o nosso relacionamento com esse ambiente, na verdade, o de qualquer ser vivo, e como o ouvimos e emitimos som nele" (Oliveira; Martinho, 2021, p. 244). Sua perspectiva nos mostra que a paisagem sonora não é apenas sobre um conjunto de sons e que vai além das frequências audíveis. Ela é a interação entre a natureza, a cultura, o território e a experiência auditiva. Explorá-la significa adentrar em uma investigação interna de como percebemos, interagimos e contribuimos com o lugar que nos cerca. É uma jornada que permite para além do escutar, compreender o próprio papel na construção da paisagem sonora, como existimos nela e as transversalidades que afetam cada território.

As paisagens sonoras concedem identidades aos lugares, e agem direta e constantemente em seus moradores na contribuição à perpetuação das falas e sotaques, dos gostos musicais, e na evocação de paisagens do passado, o que reforça valores existentes em cada indivíduo, que pode contribuir para sua fixação em lugares distintos, e à criação do sentimento de pertencimento a eles, pelo fato de apresentarem sonoridades que concedem familiaridade na paisagem. (Torres; Kozel, 2010, p. 125)

A compreensão da ligação entre paisagem sonora, identidade e território leva à reflexão sobre como esses conceitos se entrelaçam, proporcionando conhecimentos valiosos para o desenvolvimento da percepção sonora e da prática musical. Ao entender como esses conceitos se entrelaçam, podemos, por exemplo, apreciar melhor a música de diferentes culturas e épocas. A identidade de um indivíduo ou grupo pode influenciar a paisagem sonora do lugar em que vive. Isso ocorre porque as pessoas expressam sua identidade por meio da música, da fala e de outros sons.

No contexto da educação musical, a compreensão desses conceitos pode ser muito útil. Aprendermos sobre eles pode nos possibilitar desenvolver uma apreciação mais profunda da música. Ao entender a identidade, percebe-se a influência do ambiente e do território em sua formação, o que por sua vez, pode ser aplicado na educação musical, enriquecendo a compreensão dos aspectos técnicos dos sons, mesmo quando analisados de forma independente.

à necessidade de se pensar uma educação para além da “nota”; uma educação que, incitada por uma “orelha contemporânea”, busque ampliar o leque sonoro, promovendo o desenvolvimento de uma escuta enquanto um “ato de poder”, que não apenas discrimina e escolhe sons, mas que possa se determinar em função de um campo sonoro o mais amplo possível, permitindo-se o desejo de músicas não apenas formatadas por modelos dados a priori, é que propomos o exercício de escuta e criação de paisagens sonoras (Santos, 2005, p. 611)

A partir disso, a compreensão da paisagem sonora pode proporcionar uma abordagem diferente para se explorar e enxergar os conceitos musicais, utilizando o próprio ambiente como ferramenta para a análise desses conceitos. Durante o processo de educação, o indivíduo pode passar a escutar e sentir os sons como parte integrante de sua identidade, reconhecendo que tais elementos também contribuem para sua construção pessoal e como são percebidos no espaço. E também pode aprender a usar a música para expressar essa identidade e para explorar a de outras pessoas, outros contextos e espaços. Isso pode ser conduzido à conscientização não apenas das relações sonoras entre si, mas também da relação da sua própria identidade à forma como se percebem no lugar.

## 2. PAISAGEM SONORA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO MUSICAL

### 2.1 Mapas sonoros

Para relacionar educação musical e paisagem sonora, podemos explorar o ambiente e seus aspectos de maneira direcionada e didática.

(...)Schafer, em meados da década de 70, está preocupado em alertar educadores musicais para o desenvolvimento de atividades que propiciem o envolvimento de seus alunos com as sonoridades dos ambientes (as paisagens sonoras), através basicamente de exercícios de escuta e criação sonora, no sentido de promover uma consciência sonora ambiental (SANTOS, 2005, p. 661).

Ao lidar com a paisagem sonora pela perspectiva educacional é possível analisar aspectos que estão presentes no cotidiano de qualquer indivíduo. Os elementos em questão podem variar de acordo com a região e cultura do aluno, apresentados sob a ótica da realidade sonora vivenciada, ou seja, da paisagem sonora de quem a estuda. Por exemplo, um estudante que mora na periferia de uma grande cidade pode experimentar sons característicos, como os ruídos de sua casa, as crianças brincando na rua, as conversas dos vizinhos e até mesmo músicas ouvidas na vizinhança e manifestações culturais típicas da região. Além disso, o trajeto diário desse estudante de casa para a escola também influencia sua paisagem sonora, introduzindo novos elementos, como o som dos ônibus, o comércio local e o burburinho dos colegas de classe. Tudo isso faz parte da sua paisagem sonora, aquela que o circunda no cotidiano e contribui para a construção de sua identidade. Mas como trabalhar com isso no ensino?

O estudo da paisagem sonora e da ecologia acústica têm moldado a forma de analisar os sons e vivenciar os lugares que habitamos. Atrelado aos avanços da tecnologia, desenvolveu-se e adotou-se ao longo do tempo diferentes técnicas, aparelhos e artefatos digitais que são utilizados como ferramentas de pesquisa, análise, criação e armazenamento de dados fonográficos. Uma forma de concentrar tudo isso em um único item é o desenvolvimento de mapas sonoros.

Holanda (2017, p. 1) defende que “uma cartografia sonora permite relacionar lugares da cidade com uma variante ainda pouco considerada como matéria expressiva de um ambiente, o som”. Tradicionalmente os mapas representam aspectos físicos do ambiente com imagens das vias, edifícios, praças ou parques,

mas Holanda traz esse novo elemento que se apresenta como uma abordagem enriquecedora da experiência com o ambiente. O som traduz aspectos culturais e sociais que não são captados na imagem.

Allué (2012, p. 189) destaca que:

Dentro da paisagem sonora ou ecologia acústica, existe um tipo de representação que consideramos paradigmático e pioneiro no que respeita à construção de visualizações do território relacionadas com a sua paisagem sonora. Este tipo de representação é o mapa sonoro.

Os mapas sonoros, ao registrarem os sons de uma região, complementam a cartografia visual, proporcionando uma compreensão mais rica e completa da paisagem. Isso se alinha à ideia de Cerdà (2015), na qual os lugares são experiências que envolvem os sentidos e emoções, não se limitando apenas ao aspecto físico. Os mapas sonoros representam elementos imateriais e emocionais da paisagem, contribuindo para uma compreensão mais profunda e sensorial dos lugares.

Imaginemos um projeto educacional que convoca jovens da periferia a criar seus próprios mapas sonoros das suas comunidades. Nos mapas, eles não apenas registram os sons que permeiam o ambiente, mas também as histórias, emoções e conexões que mantêm com esses lugares. Os sons cotidianos, as brincadeiras das crianças, as conversas dos vizinhos e a música local são componentes que fazem parte da vivência diária dos participantes. Ao registrar esses sons, os jovens estariam criando um registro único da sua experiência de vida.

Os mapas sonoros poderiam ser usados para educar as pessoas sobre a diversidade cultural das comunidades, para promover o turismo local ou para documentar a história oral de um lugar. Consequentemente, eles se tornam ferramentas poderosas para explorar e compartilhar essa dimensão não estritamente física dos locais.

Desta forma, os mapas sonoros não representam apenas as paisagens sonoras particulares de cada aluno, mas também proporcionam uma maneira de dar voz a uma relação mais profunda e rica com os seus entornos, visto que “uma cartografia sonora é um registro de fluxos e trajetórias que tem a ver com o movimento.” (Cerdà, 2015, p.120). Ela permite a compreensão de como os sons, textos e sentimentos moldam a percepção dos lugares e como esses lugares são

vivenciados e recordados de forma mais completa, armazenando elementos sonoros que contribuem para a leitura do ambiente. A abordagem amplia a apreciação da diversidade cultural e identitária das comunidades, destacando a importância dos aspectos sensoriais e imateriais na formação da relação com o ambiente.

Na sua forma mais simples, os mapas sonoros podem ser usados para registrar a paisagem sonora e os níveis de ruídos de um lugar. Eles podem registrar sons naturais, como o canto dos pássaros ou o barulho do vento, ou sons artificiais, como o trânsito, a música ou a fala humana e medir o quanto a poluição sonora afeta o ambiente. Eles podem servir tanto como registros geográficos, expressões artísticas, comportando obras de arte, ser usados para compor músicas, criar instalações ou até mesmo ser parte principal de uma produção audiovisual, como nos filmes. Logo, eles podem servir como registros geográficos, expressões artísticas e instrumentos educacionais.

Assim, vê-se que os mapas sonoros, por sua natureza flexível, adquirem significado em função dos objetivos que orientam sua criação, podendo ser criados para diversos fins. Na educação, os mapas sonoros podem ser usados para promover a aprendizagem. Eles podem ser usados para ensinar os alunos sobre a paisagem sonora de um lugar, para desenvolver suas habilidades de escuta ou para estimular sua criatividade. Um exemplo ilustrativo de sua aplicação na educação é o relato de Desiderio (2016), que descreve uma intervenção realizada nas aulas de música. Nesse contexto, os alunos participaram ativamente da construção e exposição de um mapa sonoro, compartilhando-o no ambiente escolar com toda a comunidade educacional.

## 2.2 Tecnologia na educação musical

Encontrar ferramentas que auxiliem o processo educativo representa um dos principais desafios na prática docente. Inovar ou descobrir formas distintas de utilizar materiais em sala de aula exige uma busca constante e criativa, a fim de tornar as aulas mais estimulantes. Conforme destacado por Souza e Moraes (2022, p. 1459):

A compreensão de que as questões relacionadas à inovação e à inserção de tecnologias precisa estar conectada ao papel social da educação, que passa pela possibilidade de proporcionar acesso adequado e apropriação dos diversos saberes historicamente produzidos pelos indivíduos.

Reconhecendo a relevância da tecnologia e inovação, torna-se evidente como as ferramentas são amplamente utilizadas globalmente por meio de dispositivos eletrônicos, como smartphones, tablets e laptops. O uso destes tem experimentado crescimento constante, especialmente após a pandemia de COVID-19, que forçou uma parcela significativa da população mundial a recorrer com maior frequência aos dispositivos.

Ao considerar a paisagem sonora como uma ferramenta para compreender de forma significativa os aspectos sonoros presentes no cotidiano, faz-se necessário refletir sobre como isso pode ser realizado e quais instrumentos podem nos auxiliar durante o processo. “Com certeza a descoberta da tecnologia de gravação tem fornecido novas condições à escuta e à experiência musical, tanto em relação à música atual, quanto à música tradicional atual” (Santos, 2013, p. 42). Aprofundando a percepção auditiva humana e buscando maneiras de utilizá-la para perceber, sentir e entender, é possível explorar as ferramentas de gravação como em meio de registrar os sons previamente ouvidos, permitindo a repetição e compreensão progressiva da paisagem sonora de um local e em um momento específico.

A partir desse registro, surge a oportunidade de entender ou até mesmo manipular esses sons por meio de ferramentas digitais. As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) e as ferramentas de manipulação de áudio digital oferecem soluções que auxiliam os professores no desenvolvimento de alternativas criativas para estimular o aprendizado. Isso inclui o uso de microfones, gravadores, computadores, *smartphones*, *internet*, aplicativos *mobile* e *softwares* no contexto educacional.

Esses recursos podem ser empregados para o autodesenvolvimento auditivo em relação ao ambiente vivenciado e também para a criação musical, explorando os timbres e características únicas das gravações, analisar a composição dos sons, a criatividade musical e expressar suas próprias vozes. Isso pode ser realizado com a criação de podcasts, músicas ou vídeos que podem ser usados para explorar a paisagem sonora de sua comunidade.

Ao pensar na inclusão tecnológica no contexto educacional, segundo a BNCC (2018), é preciso:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas

práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Pensando nessa perspectiva, a tecnologia, combinada com a educação musical adquirida por meio do estudo e experimentação no próprio território, pode enriquecer o aprendizado, melhorar o desempenho e gerar novas formas de lidar com os sons.

É fundamental considerar a originalidade e singularidade que o ensino musical por meio da paisagem sonora atrelada a tecnologia pode proporcionar, uma vez que o enriquecimento histórico e identitário desempenham papel significativo na busca e aprendizagem musical e cultural. Conforme apontou Souza e Moraes (2022, p. 1467), "compreender e refletir sobre as práticas educativas a partir do contexto social e histórico da classe em que o indivíduo está inserido torna-se questão central para ter clareza sobre qual compreensão de mundo e de educação se almeja alcançar."

A desigualdade educacional no Brasil é um problema persistente, que afeta principalmente as regiões periféricas. Para promover um ensino de qualidade com os recursos disponíveis, é necessário manter a sensibilidade ao enxergar e compreender os contextos reais refletidos pela desigualdade. Por exemplo, a falta de acesso à internet pode dificultar o aprendizado de alunos que moram nestas áreas.

Segundo Duarte e Marins (2015), o smartphone oferece uma oportunidade de aprendizado contínuo por caber na palma da mão. A versatilidade do aparelho permite o transporte para qualquer lugar e o acesso a diferentes ferramentas que facilitem o ensino- aprendizagem. Além disso, "aparelhos móveis são também uma forma de inclusão digital para as classes menos favorecidas, por seu baixo custo, além de ter o potencial de adequar-se às particularidades de cada aluno e prepará-lo para os desafios tecnológicos do século XXI" (Duarte; Marins. 2015)

O celular, portanto, se torna uma alternativa versátil e relativamente mais acessível para explorar a paisagem sonora e tornar as aulas mais interativas. Os dispositivos podem ser usados para atividades como a gravação de sons de espaços específicos ou a criação de composições utilizando recortes de gravações para construir novas paisagens sonoras. Assim, os alunos podem explorar de maneira interativa e envolvente a riqueza dos sons que os rodeia, enriquecendo sua

compreensão sobre o seu entorno e promovendo a criatividade no processo de aprendizado.

Dessa forma, ao reconhecer o potencial da paisagem sonora como ferramenta na educação musical e ao considerar as limitações de acesso à tecnologia em determinadas regiões, é possível desenvolver abordagens inclusivas e inovadoras que enriqueçam a experiência de aprendizado musical que promovam e estimulem o processo criativo e a reflexão sobre quem somos e como estamos inseridos no espaço.

### 2.3 Proposta de atividade

Diante do exposto, trazemos uma proposta pedagógica a ser realizada em aulas de música ou oficinas musicais, dividida em 6 atividades. Para ela, será feito o uso de dispositivos móveis, os smartphones, direcionada para jovens moradores de regiões periféricas. A proposta parte do levantamento bibliográfico realizado sobre o tema, experiências em aulas realizadas em estágios não obrigatórios durante o curso de Licenciatura em Música e das aulas sobre paisagem sonora na disciplina de percepção musical e técnicas de gravação cursadas na graduação. A essência da proposta consiste em ofertar uma abordagem educacional musical que ultrapasse a linha dos métodos tradicionais, colocando a análise e manipulação do som e seus elementos como protagonistas na narrativa dos ambientes.

A ideia central é orientar os participantes a registrar os sons que permeiam suas rotinas dentro de sua comunidade por meio da criação de uma paisagem sonora e de um repositório para mapear de onde partem esses sons dentro do território. Em seguida, os participantes serão incentivados a desenvolver mapas sonoros simples, os quais representarão a diversidade de sons em sua localidade e, ao mesmo tempo, mostrarão como esses sons contribuem para a construção de sua identidade local.

A atividade visa proporcionar uma experiência que valoriza a riqueza sonora do ambiente em que os alunos vivem, promovendo uma compreensão mais profunda da conexão entre os sons, a identidade pessoal e o território em que estão inseridos.

### 2.3.1 Materiais

Para a construção do mapa sonoro e desenvolvimento das aulas, priorizamos o uso de materiais mais acessíveis. Eles serão utilizados durante o processo de aprendizagem, experimentação e desenvolvimento do mapa sonoro, com o intuito de oportunizar a participação dos alunos e maior facilidade de aplicação dos professores. Os recursos sugeridos incluem:

- 1) *Smartphones*: os dispositivos móveis serão utilizados como ferramentas principais nos processos de gravação de áudio, captação de imagem e edição das obras;
- 2) Aplicativos de Gravação e Edição de Áudio: é recomendado a utilização de aplicativos gratuitos para captação e edição dos áudios. Eles podem ser encontrados nas lojas *Google Play Store*<sup>3</sup> ou *Apple Store*<sup>4</sup>, como o *BandLab* (2023) e o *BandPass* (2023). Estes aplicativos possuem recursos que os caracterizam como uma *DAW*<sup>5</sup> que você pode carregar na palma da mão. Também podem ser utilizadas aplicações nativas<sup>6</sup> de gravação. Estes aplicativos são fáceis de usar e permitem aos participantes capturar e editar os sons, explorando diversas possibilidades artísticas;
- 3) Fones de ouvido: os fones de ouvido comuns possuem microfones embutidos que podem ser utilizados para melhorar a qualidade das gravações. Os fones também ajudam no momento de ouvir e fazer a curadoria dos áudios gravados;
- 4) Materiais de papelaria: materiais comuns como caderno, canetas, grafite e lápis de cor, para esboços, esquematização e anotações das ideias e reflexões dos alunos;
- 5) Plataformas gratuitas online: existem plataformas online gratuitas que podem ser utilizadas como repositório, como o *Google Drive* para armazenar e compartilhar os arquivos e o *YouTube* para exposição ou compartilhamento de resultados dos mapas;

---

<sup>3</sup> *Google Play Store*: Loja de aplicativos online para dispositivos Android.

<sup>4</sup> *Apple Store*: Loja de aplicativos online para dispositivos IOS.

<sup>5</sup> *DAW*: Abreviação para *Digital Audio Workstation* (Estação de trabalho de áudio digital).

<sup>6</sup> *Aplicações nativas*: Aplicativos construídos para determinado sistema operacional ou aparelho.

- 6) Projetor de vídeo ou TVs: estes aparelhos podem ser utilizados para transmitir recursos educacionais como matérias sobre paisagem sonora, identidade, visualização de exemplos de mapas e apreciação de obras;
- 7) Caixas de som: para amplificação sonora;
- 8) *Whatsapp*: a rede social pode funcionar como repositório e fórum para a troca de conhecimentos entre a turma e lançamentos de materiais através dos recursos de criação de grupos e comunidades.

Os materiais foram escolhidos levando em consideração a acessibilidade e a facilidade de uso, garantindo que a atividade possa ser realizada de maneira eficaz mesmo em situações nas quais os recursos são mais limitados. A utilização de smartphones e aplicativos gratuitos permite que os participantes explorem suas paisagens sonoras de forma prática e interativa.

### 2.3.2 Metodologia

A metodologia para a construção do mapa sonoro e desenvolvimento das aulas está baseada nas abordagens de Schafer (2012), Machado, Pédico e Souza (2020), Desiderio (2016) e Santos (2005), que exploram o uso da paisagem sonora como uma forma de compreensão da identidade e do território através do som na educação musical. A proposta visa promover uma compreensão mais profunda e subjetiva da paisagem sonora e destacar como os sons desempenham um papel significativo na percepção do entorno. Para isso, será feita a construção de um mapa sonoro, composto por seis atividades. Essas atividades trabalharão, por exemplo, apreciação musical, criatividade, autoconhecimento, atenção e cooperatividade.

#### Atividade 1 - Introdução e sensibilização:

Nesta fase inicial do estudo da paisagem sonora, a atividade visa estimular a observação e a reflexão sobre os sons presentes no ambiente diário de cada participante. O foco principal é destacar a importância de desenvolver uma atenção cuidadosa aos sons como uma maneira de aprimorar a compreensão da identidade e do território.

A atividade começa convidando os participantes a identificar os elementos sonoros essenciais em seu ambiente cotidiano. Isso pode incluir sons naturais, como pássaros ou vento, sons produzidos pelo homem, como tráfego, vozes, música ambiente e atividades domésticas, ou vindos de aparelhos eletrônicos, como rádio ou TV. Cada participante é incentivado a selecionar o som que considera mais marcante ou significativo em seu ambiente.

Em seguida, a atividade explora a relação emocional e subjetiva que cada pessoa tem com esses sons. Perguntas como "de onde vem esse som?" e "que história ou memória ele carrega consigo?", são formuladas para que os participantes reflitam sobre os sons de forma mais profunda. Isso permite que cada pessoa compartilhe suas experiências e percepções pessoais em relação aos sons que os cercam.

Além disso, a atividade busca identificar como esses sons afetam emocionalmente os participantes. Alguns sons podem gerar sentimentos de conforto, aconchego e pertencimento, enquanto outros podem causar desconforto, afastamento ou até mesmo nostalgia. Esta exploração das respostas emocionais aos sons ajuda a destacar como os elementos contribuem para a construção da experiência subjetiva em um espaço.

A atividade incentiva os participantes a observarem e refletirem sobre os sons presentes em seu ambiente diário, reconhecendo como esses sons estão ligados à sua experiência de vida, identidade e relação com o território. Ela promove uma compreensão mais profunda e subjetiva da paisagem sonora e destaca como os sons desempenham um papel significativo na percepção do entorno.

## Atividade 2 - Exploração da Paisagem Sonora:

Na etapa seguinte, propõe-se conduzir os alunos a uma envolvente experiência prática em um ambiente, seja ele interno ou externo. O objetivo é realizar uma exploração minuciosa da paisagem sonora do local escolhido. Eles utilizarão smartphones e fones de ouvido como ferramentas de registro e receberão orientações específicas para capturar sons que despertem seu interesse e sejam considerados significativos para a compreensão da paisagem sonora.

Durante a exploração, os alunos não irão se limitar apenas a gravar os sons mais óbvios, como o tráfego, mas serão incentivados a prestar atenção aos detalhes mais sutis, como os sons de menor intensidade. Além disso, serão estimulados a questionar e debater sobre os elementos sonoros presentes e a entender suas funções naquele contexto específico e a fazer novos sons, se percebendo também como agentes participantes da paisagem.

A atividade prática pode proporcionar aos alunos a oportunidade de vivenciar a riqueza e a diversidade da paisagem sonora que os cerca. Ao capturar esses sons e refletir sobre eles, os alunos terão uma compreensão mais profunda e pessoal da relação entre o próprio inserimento no espaço junto aos sons. Posteriormente, serão encorajados, seja de forma individual ou em pequenos grupos, a escolher ambientes afetivos na comunidade para gravar e adicionar ao mapa, contribuindo para a construção de um mapeamento sonoro mais abrangente e enriquecedor.

Com isso, também serão questionados se conhecem o local que vivem em relação a cultura local e histórias. Isto estimulará a pesquisa do território e envolvimento de outras pessoas para recolher as informações e memórias.

### Atividade 3 - Análise e reflexão:

Aqui segue-se ao processo de audição dos sons que foram capturados no intervalo da atividade anterior, dando início a uma discussão minuciosa acerca das observações e sentimentos relacionados aos sons, trabalhando de forma colaborativa para identificar padrões e características de destaque nas gravações. A análise em grupo permite que os alunos compreendam como a paisagem sonora pode exercer influência tanto na identidade de um local quanto na das pessoas que nele habitam a partir de reflexões como: “Por que a escolha deste lugar?”, “Com a sua relação com ele? “, “Quais dos sons despertam sua atenção?”. Além disso, a etapa pode promover uma discussão mais aprofundada sobre as conexões entre som, cultura e identidade e é uma oportunidade de também trabalhar os elementos sonoros e temas como poluição sonora.

### Atividade 4 - Desenvolvimento das composições:

Nesta fase do projeto, os alunos exploram a criação de composições sonoras a partir de suas vivências na paisagem sonora local. Com o auxílio de aplicativos de gravação e edição de áudio em seus smartphones, que precisam ter seu uso demonstrado inicialmente, eles aprendem a organizar sons de forma criativa. Inspirados por compositores como Hildegard Westerkamp e John Cage, assim como exemplos de mapas sonoros de diferentes lugares e propostas, os alunos desenvolvem narrativas sonoras pessoais e únicas.

A sobreposição de elementos sonoros, construída com base em suas sensações individuais e percepções do espaço, desempenha um papel central na criação das composições. O processo celebra a individualidade de cada aluno, resultando em uma coleção diversificada de mapas que retratam histórias sonoras. Além de aprimorar habilidades técnicas e musicais, esta abordagem nutre ouvintes mais atentos e criativos, sublinhando a importância da paisagem sonora em nossa identidade cultural e pessoal, enriquecendo nossa compreensão do ambiente sonoro que nos rodeia.

Nesta etapa também estarão livres para explorar aspectos visuais da paisagem através da fotografia, criação de imagens abstratas ou gravação de vídeos que podem ser incluídas em suas composições. Apesar do foco da atividade ser o aspecto sonoro, a imagem está ligada a cartografia e ao que permeia a paisagem, como formas, cores, texturas e movimento.

#### Atividade 5 - Apresentação e discussão em grupo:

Nesta etapa, os alunos compartilharão seus mapas sonoros com a turma em uma sessão de apresentação interna, criando um ambiente propício para o compartilhamento entre colegas. Após cada apresentação, ocorrerá uma discussão em grupo para que os colegas compartilhem suas percepções e sentimentos em relação aos sons e à narrativa sonora de cada mapa. Isso promoverá uma troca rica de ideias e perspectivas dentro da turma, enriquecendo nossa compreensão da paisagem sonora e da identidade local a partir das diferentes experiências de escuta dos colegas.

Feito isto, os alunos se concentrarão em preparar suas criações para o compartilhamento posterior na atividade 6. Eles aprenderão a fazer upload de seus mapas sonoros em plataformas online, como o Google Drive e o YouTube. Durante

essa etapa, os alunos adquirem habilidades essenciais para a etapa seguinte, quando efetivamente compartilharão suas criações com a comunidade. Aprenderão a organizar seus arquivos, fazer o upload de seus mapas sonoros e a definir as configurações de compartilhamento para garantir que suas criações estejam prontas para serem acessadas por colegas, professores e funcionários da escola. Essa preparação tornará a atividade 6 mais eficaz e tranquila, permitindo que os alunos compartilhem suas criações de maneira organizada e acessível.

#### Atividade 6 - Exposição e interação com a comunidade:

Na atividade final deste projeto, os alunos realizarão uma exposição pública de seus mapas sonoros, abrindo um canal de interação com a comunidade local. Esta exposição não apenas permitirá que eles compartilhem suas criações, mas também oferecerá à comunidade a oportunidade de vivenciar as diferentes perspectivas sobre a paisagem sonora e identidade cultural. Os alunos serão incentivados a envolver membros da comunidade, incluindo amigos, familiares, vizinhos e outras pessoas interessadas, criando assim uma experiência de compartilhamento enriquecedora e significativa. Esse compartilhamento não apenas ampliará a conscientização sobre a paisagem sonora, mas também fortalecerá os laços entre os alunos e sua comunidade, promovendo um entendimento mais profundo e colaborativo do ambiente sonoro que os cerca.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi visto que a paisagem sonora evoluiu como um campo de estudo multifacetado, abrangendo diferentes áreas de conhecimento. As inquietações de Schafer acerca da poluição sonora e seus efeitos deram origem às pesquisas que possibilitaram ampliar a compreensão do som, gradualmente elevando-o ao status de protagonista nas narrativas que moldam o entorno.

A paisagem sonora, então, aparece como um conceito que permeia os diferentes estágios da experiência humana. Ela é um produto das ações humanas e também pode moldar as identidades e os territórios. Ela está integrada aos contextos sociais e culturais e possui o poder de narrar e registrar a história de um lugar e sua comunidade, sendo produtora da narrativa temporal do ambiente.

As mudanças na paisagem sonora ao longo do tempo são reflexos das transformações sociais e tecnológicas. A revolução industrial e a revolução elétrica deixaram suas marcas duradouras, introduzindo o ruído das máquinas e novas maneiras de ouvir, gravar e reproduzir sons. Os avanços tecnológicos oferecem novas oportunidades para a escuta, criação, pesquisa, ensino e também preservação sonora. Gravadores, microfones, computadores e smartphones são ferramentas presentes na vida contemporânea, desempenhando funções importantes para o contexto social, porém, com o custo da exacerbada poluição sonora gerada por essas transformações e pela ignorância acerca do ambiente acústico.

No contexto educacional, no decorrer da pesquisa, a paisagem sonora revelou-se uma ferramenta eficaz, permitindo-nos explorá-la a partir da experiência humana. Ela está presente nas casas e no cotidiano, abrangendo desde os sons diários, à música e quaisquer ruídos emitidos, fazendo parte das mudanças e experiências do indivíduo que ela compõe. Sendo assim, ela participa do fluxo de construção e reconstrução da identidade.

Desta forma, a paisagem sonora dentro da educação musical pode ser utilizada para aproximar os alunos do mundo real por meio de atividades de escuta ativa, estimulando a exploração do mundo ao redor de forma mais profunda e significativa, desenvolvendo um senso de lugar e pertencimento. Também como uma ferramenta para o desenvolvimento da escuta crítica e criativa, que possibilita uma aprendizagem mais atenta, onde os alunos aprendem a prestar atenção aos sons ao

redor e identificar diferentes elementos e significados, padrões e contrastes existentes na cidade. Gerar atividades colaborativas e ser fonte de inspiração para a criação artística, podendo levar os alunos também a conhecer outras áreas e possibilidades de usar a música e o som, como no cinema e no teatro.

Como exemplo de aplicação, foi elaborada uma proposta de criação de um mapa sonoro, que emerge como uma poderosa ferramenta que une música, paisagem sonora e tecnologia, aprimorando nossa compreensão do território, dos elementos constituintes da paisagem sonora e de como participamos e somos afetados por ela. Além disso, as atividades relacionadas à paisagem sonora proporcionam oportunidades para uma maior interação com a comunidade e uma compreensão mais profunda de como todos nós nos encaixamos nesse cenário sonoro compartilhado. Permitindo aos alunos explorarem o mundo sonoro de forma significativa, promovendo o desenvolvimento de habilidades cognitivas, socioemocionais e criativas.

Ao integrar a paisagem sonora à educação musical, ampliamos nosso horizonte de conhecimento para abranger não apenas música, mas também disciplinas como geografia, ecologia, biologia, patrimônio histórico e cultural, dentre outras. Isso demonstra que a paisagem sonora é verdadeiramente um campo em constante evolução, cujo potencial ainda está sendo explorado. À medida que continuamos a investigar e compreender seu impacto nas vidas das pessoas, a paisagem sonora continuará a desempenhar um papel significativo na compreensão do mundo sonoro que nos cerca. Portanto, concluímos que este campo de estudo merece nossa atenção contínua, e se mostra muito promissora à medida que continuamos a desvendar as complexidades e as riquezas da paisagem sonora que nos envolve.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLUE, Edu Comelles. Mapas sonoros, netlabels y culturas emergentes: Una aproximación sobre la fonografía y el paisaje sonoro en la Era Digital. *Arte y Políticas de Identidad*, v. 7, p. 187-208, 2012.

BANDLAB. Disponível em: <<http://www.band-pass.com/index.html/>>. Acesso em: 18 de set. de 2023.

BANDPASS. Disponível em: <<https://www.bandlab.com/>>. Acesso em: 18 de set. de 2023

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

CERDÀ, Josep et al. OBSERVATÓRIO DA TRANSFORMAÇÃO URBANA DO SOM: A CIDADE ENQUANTO TEXTO, DERIVAS, MAPAS E CARTOGRAFIA SONORA. *Revista Estética e Semiótica*, v. 5, n. 1, 2015.

DESIDERIO, Monique. Mapa Sonoro: a escuta como ferramenta de leitura, reconhecimento e interação com o espaço escolar. **X Encontro Regional Sudeste da ABEM**. 2016.

DICIO. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/>>. Acesso em: 18 de Set. de 2023

DUARTE, Alex; MARINS, Paulo Roberto. Um estudo sobre a utilização de aplicativos para tablets e smartphones no ensino da música. **Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musica**. 2015

DUBAR, Claude. *A socialização. Construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MACHADO, Fabiana de Sousa Cunha; PÉDICO, André Leme; DE SOUZA, Leandro Pereira. As Oficinas “Paisagem Sonora–Sons e Silêncios da Quarentena”-Relato de experiência realizada na Mostra Virtual de Artes do CEFET MG. **Rebento**, n. 13, 2020.

OLIVEIRA, Madalena; MARTINHO, Cláudia Teixeira. Entrevista com Hildegard Westerkamp: “quando começamos a ouvir o mundo estamos a tratar da vida toda”. **Lusófona de Estudos Culturais**, Vol. 8, N.º 1, 2021, pp. 243-253, 2021. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/1822/73518/>>. Acesso em: 01 de jul. de 2023

ROCHA, Claudia Maria de Holanda. Mapas sonoros, seus usos e níveis de interação. **Jornada Interdisciplinar de Som e Música no Audiovisual**, Brasil, set. 2017. Disponível em: <<https://conferencias.ufrj.br/index.php/jisma/jisma2017/paper/view/1841/51>>. Data de acesso: 07 Set. 2023.

SANTOS, Fátima Carneiro. A escuta da cidade/paisagem sonora: um exercício poético. **BALEIA NA REDE**, v. 1, n. 10, 1808.

SANTOS, Fátima Carneiro. Por uma educação musical para além da nota: o exercício da escuta e composição de paisagem sonora. In: Anais do XV Congresso Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música. Rio de Janeiro: ANPPOM/UFRJ, 2005. p. 609-615.

SCHAFER, R. Murray. A Afinação do Mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado negligenciado aspecto do nosso ambiente. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

SILVA, Julia Lúcia de Oliveira Albano. Rádio: oralidade mediatizada. O spot e os elementos da linguagem radiofônica. São Paulo: Anna Blume, 1999.

SOUSA, A. A. de. TERRITÓRIO E IDENTIDADE: ELEMENTOS PARA A IDENTIDADE TERRITORIAL. Caderno Prudentino de Geografia, [S. l.], v. 1, n. 30, p. 119–132, 2008. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7436/>>. Acesso em: 03 ago. de 2023.

SOUZA, Raquel Aparecida; MORAES, Raquel de Almeida. Políticas de educação, tecnologia e inovação: Contribuições para uso emancipatório das tecnologias. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, p. 1457-1472, 2022.

TORRES, Marcos Alberto; KOZEL, Salete. Paisagens sonoras: possíveis caminhos aos estudos culturais em geografia. **Raega-O Espaço Geográfico em Análise**, v. 20, 2010.